



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ILLGNER WILLIAM SOUSA E SILVA

DO SAGRADO AO SECULAR:

A influência da modernidade no crescimento dos “sem religião” no Brasil

Teresina – Pi

2025

ILLGNER WILLIAM SOUSA E SILVA

DO SAGRADO AO SECULAR:

A influência da modernidade no crescimento dos “sem religião” no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Universidade Estadual do
Piauí como requisito para a conclusão do
curso de Licenciatura Plena em Ciências
Sociais

Orientador(a): Prof. José da Cruz Bispo de
Miranda

Teresina - Pi

2025

ILLGNER WILLIAM SOUSA E SILVA

DO SAGRADO AO SECULAR:

A influência da modernidade no crescimento dos ‘sem religião’ no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Universidade Estadual do
Piauí como requisito para a conclusão do
curso de Licenciatura Plena em Ciências
Sociais.

Teresina, ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador(a)

Examinador 1

Examinador 2

DO SAGRADO AO SECULAR: A influência da modernidade no crescimento dos “sem religião” no Brasil

Autor: Ilgner William Sousa e Silva

Orientador: Prof. José da Cruz Bispo de Miranda

RESUMO

A presente pesquisa trata-se de um estudo sobre o crescimento do grupo sem religião no Brasil. Essa pesquisa tem como objetivo analisar o crescimento do grupo “sem religião” a partir do processo de secularização e da modernidade, considerando fatores como pluralidade e racionalização. Com base no estudo bibliográfico desenvolvido, observa-se que os fatores característicos da modernidade contribuíram para tal ascensão de maneira que, entre os anos de 1960 e 2010, o grupo “sem religião” cresceu de forma exponencial. Para embasamento teórico utilizou-se de autores como: Peter Berger (2017), Émile Durkheim (1996), Max Weber (1982), Marcelo Ayres de Camurça (2003) e outros autores que contribuíram de forma indispensável para a construção da pesquisa. A partir da análise quantitativa dos dados disponibilizados pelo IBGE e da revisão bibliográfica de obras fundamentais da sociologia da religião, a pesquisa indica que o crescimento dos grupos sem religião está diretamente relacionado às transformações sociais promovidas pela modernidade.

Palavras-Chave: Secularização; Modernidade; Racionalização; Pluralidade.

ABSTRACT

This research is a study on the growth of the non-religious group in Brazil. The aim of this research is to analyze the growth of the “non-religious” group based on the process of secularization and modernity, considering factors such as plurality and rationalization. Based on the bibliographic study developed, it is observed that the characteristic factors of modernity contributed to this rise in such a way that, between the years of 1960 and 2010, the “non-religious” group grew exponentially. For theoretical support, authors such as Peter Berger (2017), Émile Durkheim (1996), Max Weber (1982), Marcelo Ayres de Camurça (2003) and other authors who contributed in an indispensable way to the construction of the research were used. Based on the quantitative analysis of the data made available by the IBGE and the bibliographic review of fundamental works on the sociology of religion, the research indicates that the growth of non-religious groups is directly related to the social transformations promoted by modernity.

Key-words: Secularization; Modernity; Rationalization; Plurality.

1 INTRODUÇÃO

Desde a juventude, a temática religiosa sempre despertou meu interesse. As inúmeras formas de expressar a fé — assim como a possibilidade de não professar fé alguma — sempre instigaram minha curiosidade. Crescer em um ambiente no qual a religião se faz presente em praticamente todos os espaços sociais levou-me, com o tempo, a notar que, apesar dessa hegemonia, há uma pequena parcela da população que não se identifica com nenhuma religião. Este trabalho, portanto, é fruto de um trajeto que atravessa curiosidades, inquietações e fascínios. Escolher esse tema foi, antes de tudo, uma tentativa de entender os contornos dessa nova paisagem religiosa e uma forma de contribuir para um olhar mais atento, crítico e respeitoso sobre as transformações religiosas da sociedade contemporânea.

Em tempos anteriores, era notável a centralidade da religião na organização social e na construção das identidades individuais, especialmente no contexto brasileiro, marcado pela forte influência do cristianismo durante o processo de colonização. Em decorrência disso, observava-se uma predominância das manifestações cristãs, com pouca visibilidade de formas alternativas de crença ou de não crença. Entretanto, nas últimas décadas — especialmente entre os anos de 1960 e 2010, de acordo com os dados do IBGE — esse cenário passou por transformações significativas. Atualmente, percebe-se uma sociedade brasileira cada vez mais plural no aspecto religioso, o que inclui o surgimento de uma nova categoria: os sem religião. Ainda que a religião continue ocupando um lugar importante para muitos, sua influência tem se mostrado menos homogênea e mais fragmentada. Diante desse contexto, esta realidade motivou a construção do presente artigo, que se propõe a refletir sobre o processo de diversificação religiosa e a analisar como outras perspectivas, religiosas e não religiosas, vêm ganhando espaço no cenário brasileiro.

O Brasil, por muitos anos conhecido como um país predominantemente cristão, testemunhou ao longo dos anos uma mudança intrigante nesse cenário: o aumento significativo do número de pessoas que se identificam como “sem religião”. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas que se declararam como sem religião aumentou substancialmente desde 1940. Em um período de 70 anos, os números foram de 0,2% para mais de 8% da população pesquisada. Esse aumento pode ser atribuído a uma série de fatores resultantes da

modernização e do processo de secularização do mundo, ou, segundo Weber, o desencantamento do mundo, onde aquilo que é sagrado estaria sendo banido rumo às esferas privadas da sociedade, dando espaço para um mundo norteado pela racionalidade (Camurça, 2003).

É fato que o processo de secularização oriundo da modernidade contribui para o aumento do número de pessoas sem religião, afinal, a modernidade coloca o ser humano como medida de si (Portella, 2006). Nesse sentido, a religião já não é mais a detentora das verdades norteadoras da sociedade, em vez disso, a sociedade move-se através da sua própria racionalidade centrada no indivíduo autônomo, liberto da religião (Portella, 2006). Apesar da capacidade de adaptação ao contexto moderno que é o caso das igrejas neopentecostais que adotam um discurso voltado para a meritocracia e a valorização do empreendedorismo, frequentemente associado ao coaching, percebe-se que a relevância e predominância que o catolicismo, por exemplo, possuía não é a mesma de 60 anos atrás, como veremos no decorrer do artigo.

Mas afinal, de que maneira o processo de secularização e a modernidade, ao fragmentarem o monopólio religioso tradicional, contribuíram para o crescimento dos grupos sem religião no Brasil e para a ressignificação das formas de viver o sagrado? Diante de um mundo moderno, no qual o conhecimento científico ganha espaço, a religião, por sua vez, perde uma parcela da sua predominância, abrindo espaço para outras cosmovisões sem ligação com o campo religioso. O presente artigo propõe uma análise sobre o crescimento desse grupo e como o processo de secularização age de maneira contributiva para esse crescimento. A partir da leitura de autores como Émile Durkheim, Marcelo Ayres Camurça, Rodrigo Portella, Max Weber e Peter Berger, seguiremos com o discurso sobre a ligação entre a secularização e o aumento do número de pessoas sem religião no Brasil. Para isso, faz-se necessário destacar o conceito de secularização e suas diferentes interpretações na sociologia da religião, além de relacionar o crescimento do grupo “sem religião” com fatores da modernidade, como a racionalização, o pluralismo religioso e o avanço do conhecimento científico, a fim de investigar o impacto da secularização na configuração do campo religioso brasileiro.

Através de uma revisão bibliográfica e da análise dos dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), destacarei possíveis

motivos que justificam o crescente aumento do número de pessoas sem religião no Brasil, algo que ainda é pouco explorado, apesar de não ser um fenômeno recente. Isso justifica a relevância dessa pesquisa, que visa contribuir para o estudo e aprofundamento dessa temática no campo das Ciências Sociais. Antes de tudo, faz-se necessário discutir sobre o processo de secularização, para que possamos compreender como esse processo contribuiu para o crescimento dos grupos sem religião no Brasil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - Os “sem religião”

Para uma melhor compreensão do que foi e do que será abordado neste artigo, faz-se necessário definir um conceito a respeito dos “sem religião”. Embora o termo possa sugerir um conceito simples, os indivíduos classificados como “sem religião” constituem um grupo bastante complexo, que engloba vários fatores cruciais para sua definição. Antes de tudo, para que se possa compreender adequadamente quem são os sem religião, é fundamental estabelecer o que se entende sobre religião.

De maneira geral, religião se caracteriza como um conjunto de crenças, ritos e valores que sustentam uma determinada cosmovisão sobre a existência humana, geralmente centrada em uma noção do sagrado ou transcendente. No entanto, no presente artigo trataremos a religião a partir de uma perspectiva técnica: a religião como uma instituição. De acordo com Roberlei Panasiewicz, “o processo de institucionalização da religiosidade denomina-se religião” (PANASIEWICZ, 2013, p. 608-609). Roberlei Panasiewicz, ao trazer essa afirmação, propõe uma distinção entre religião e religiosidade. Nesse sentido, entende-se que a religião é o fruto da institucionalização da religiosidade, ou seja, a religião nasce quando a religiosidade — que se classifica com algo subjetivo — se organiza de forma estruturada dentro da sociedade. Essa institucionalização transforma experiências individuais do sagrado em um sistema coletivo de crenças, resultando na construção de doutrinas, hierarquias e comunidades religiosas. Tais estruturas costumam ser introduzidas desde os primeiros anos de vida, estabelecendo um compromisso moral e tradicional que, no contexto religioso brasileiro — em que rituais cristãos, por exemplo, estão

presentes desde o nascimento até a morte —, é transmitido de geração em geração, contribuindo para a formação de uma espécie de memória religiosa coletiva.

Diante do que foi exposto, a autora Claudia Danielle Andrade Ritz (2022), em sua pesquisa de campo realizada com 75 participantes — entre eles, discentes da disciplina de Cultura Religiosa e discentes da pós-graduação em Ciência da Religião da PUC Minas — notou uma falha significativa na transmissão desta tradição que constitui a memória religiosa. Como resultado da pesquisa, foi identificada uma pluralidade religiosa entre os participantes. No entanto, três autodeclarações se destacaram: católica (28%), sem religião com crença (23%) e evangélicos (17%). No entanto, considerando o foco do artigo, discutiremos apenas os sem religião com crença. Conforme já mencionado, a autora notou uma fragilização na propagação das tradições religiosas, atribuída tanto à precarização da transmissão da tradição religiosa por parte da família quanto pela destradicionaisação da religião — entendida aqui como a perda de relevância da religião na ótica secular — movida pela pluralidade religiosa (RITZ, 2022, p. 325). Esta constatação dialoga precisamente com a teoria da individualização analisada pelo autor Jorge Botelho Moniz (2017) no seu artigo “As teorias da secularização e da individualização em análise comparada” onde o autor afirma:

Grosso modo, a teoria da individualização diz que a modernização, em geral, e a diferenciação social, em particular, dissolveram o elevado grau de homogeneidade religiosa, mas não só, e as estruturas tradicionais das sociedades pré-modernas. Por consequência, os indivíduos se emanciparam da custódia das grandes instituições religiosas e, com isso, se tornaram livres para decidir com base nas suas próprias cosmovisões e orientações espirituais (Moniz, 2017, p. 19).

A partir dessa ótica, os indivíduos classificados como “religião com crença” adotam um estilo de religião mais sincrético — característica típica de uma sociedade moderna e plural — e individualizado. Em outras palavras, enquanto em sociedades pré-modernas a religiosidade dos indivíduos dependia da institucionalização da religião nas igrejas, atualmente, a intensidade e a manifestação da espiritualidade dos indivíduos indeferem da institucionalização (Moniz, 2017). A partir do diálogo entre os autores supracitados, entende-se que os sem religião não englobam apenas aqueles que não possuem vínculos religiosos, mas também indivíduos que possuem uma religiosidade autônoma e desinstitucionalizada. Nesse sentido, o crescimento do

número de “sem religião” não deve ser visto como um sinal do fim da religião — como apontam as teorias da secularização ao afirmarem que a religião perde relevância social e sua posição predominante no que se refere à interpretação do mundo — mas sim como expressão de novas formas de crer e se relacionar com o transcendente.

A pluralidade e a diversidade de expressões religiosas, somadas ao perfil do sujeito que busca ativamente opções no amplo mercado de ofertas espirituais, revelam que os indivíduos se sentem capazes de compor, por conta própria, um conjunto pessoal de crenças. Tal dinâmica evoca um novo significado para o indivíduo que se identifica como “sem religião”, o qual, em um contexto plural e diverso, é emancipado da necessidade de expressar sua religiosidade através de uma religião. Para concluir, o grupo identificado como “sem religião” abrange tanto indivíduos que não manifestam qualquer forma de religiosidade quanto aqueles que cultivam crenças e práticas espirituais de maneira autônoma, desvinculados de instituições religiosas. Trata-se, portanto, de uma categoria heterogênea, que engloba desde sujeitos com posicionamentos ateus ou agnósticos até aqueles que adotam uma espiritualidade individualizada e não institucionalizada.

2.2 – Debates acerca da secularização

Os debates acerca da secularização se estendem em diversos caminhos, um deles, que cabe muito bem em nossa discussão e que será nosso foco, diz respeito à possibilidade de o indivíduo desenvolver novas cosmovisões. Antes de tudo, faz-se necessário discutir algumas interpretações a respeito do que se entende sobre secularização. De maneira geral, secularização é o resultado de um conjunto de modificações sociais que levam à perda da relevância da religião em uma sociedade, nesse contexto, determinadas funções anteriormente desempenhadas pela religião nas sociedades tradicionais (legitimização moral, sentido para a vida, coesão social etc.) passam a ser assumidas por outras instituições ou ideologias que não possuem referências religiosas (Zepeda, 2010). O debate acerca da secularização é intrínseco ao debate acerca da modernidade, haja vista que a secularização ganha forma à medida que a modernidade avança. Dentro desse cenário, a discussão sobre secularização se desdobra em dois caminhos. Por um lado, fatores da modernidade como individualismo, razão, conhecimento científico e valores fundamentados em

uma visão de mundo descentrada, contribuíram para a construção de uma perspectiva que afirmava que secularização resultaria no fim da religião na sociedade, uma vez que a modernidade e seus fatores implicaram diretamente no papel legitimador desempenhado pela religião em sociedades tradicionais. Nesse sentido, a ideia de que a secularização resultaria no fim da religião ganha força na medida que o fim do monopólio da cosmovisão religiosa devido ao avanço do conhecimento científico se torna algo notável, e com isso, o declínio dos signos, símbolos e ideologias religiosas.

Por outro lado, nota-se que a teoria da secularização supracitada não se concretizou da maneira que era esperada ao decorrer dos anos. Por mais que a religião tenha perdido relevância em relação ao passado, percebeu-se que ela estava longe de ser extinta da sociedade. Durkheim acreditava que existe algo de eterno na religião, segundo o autor, “há, portanto, na religião, algo de eterno que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso sucessivamente se envolveu” (Durkheim, 1996, p. 472). Entende-se, portanto, que existe uma essência na religião que transcende as mudanças que a sociedade passa ao longo do tempo. Por mais que seus símbolos e tradições sofram alterações ou deixem de existir, a experiência religiosa é algo que permanece na sociedade. Nesse sentido, Durkheim afirma:

Pode-se, portanto, dizer, em resumo, que quase todas as grandes instituições sociais nasceram da religião. Ora, para que os principais aspectos da vida coletiva tenham começado por ser apenas aspectos diversos da vida religiosa, é preciso evidentemente que a vida religiosa seja a forma eminente e como que uma expressão resumida da vida coletiva inteira. Se a religião engendrou tudo o que há de essencial na sociedade, é que a ideia da sociedade é a alma da religião (Durkheim, 1996, p. 462).

Entende-se que a religião, historicamente, foi o primeiro fenômeno organizador capaz de dar sentido e ordem à vida coletiva. A religião não se limita a um conjunto de crenças sobre o sagrado, mas um reflexo da própria sociedade, um sentimento coletivo. Portanto, é na sociedade que se encontra a fonte viva da qual ela se alimenta (Durkheim, 1996). Nesse contexto, a religião se mante viva a partir de um sentimento coletivo e idealizador de um mundo ideal, em contraste com a realidade empírica. Esse fato justifica a permanência da religião mesmo em tempos pós-modernos, além dos cultos religiosos que, para Durkheim (1996), excedem um simples sistema de signos pelos quais a fé se traduz e passam a ser os meios principais pelos quais a religião se cria e recria.

Diante desse impasse, a teoria da secularização apresenta limitações que comprometem sua sustentabilidade. Autores como Peter Berger foram responsáveis por trazer novamente à tona a discussão sobre o tema secularização a partir de uma perspectiva histórica sistemática (Zepeda, 2010). Berger (2017), por sua vez, reformula sua teoria da secularização e propõe que a modernidade não leva necessariamente ao declínio da religião, mas sim a possibilidade de uma religião dividir o espaço com outras cosmovisões não necessariamente religiosas dentro de um contexto plural.

Diante do exposto, uma questão se destaca: como o processo de secularização influenciou o aumento do número de pessoas sem religião no Brasil? Ao longo deste artigo, exploraremos possíveis explicações para essa crescente tendência em um país historicamente cristão.

Já foi dito que uma das consequências da modernidade foi o enfraquecimento da relevância da religião na sociedade, especialmente à medida que fatores como racionalidade, ciência, pluralismo e liberdade individual passaram a exercer maior influência nas esferas pública e privada, deslocando a religião para o campo subjetivo e menos impactante nas normas coletivas. Esse fenômeno possibilitou o desenvolvimento de novas cosmovisões distintas das imposições tradicionais, contribuindo para o crescimento da pluralidade no contexto social contemporâneo.

O avanço da ciência despertou um olhar mais racional sobre os paradigmas da vida, assim como um afastamento do indivíduo da religião institucionalizada, porém, por outro lado, a possibilidade de o indivíduo explorar novas perspectivas também contribuiu para a evolução de outros grupos religiosos e não religiosos. Nesse sentido, a secularização não significa o fim da busca por significado e propósito, mas sim uma ampliação das possibilidades de atingir esse objetivo a partir de novas perspectivas desconexas com a religião.

Devido ao avanço do conhecimento científico novas possibilidades de compreensão do mundo surgem oferecendo explicações fundamentadas em evidências verificáveis, algo distinto das crenças religiosas que, por sua vez, usam de interpretações metafísicas para transmitir suas tradições. A facilidade do acesso ao conhecimento, característica da modernidade, possibilitou ao indivíduo desenvolver novas perspectivas acerca de sua realidade, afastando-o cada vez mais dos dogmas religiosos. Esse fenômeno é a principal característica do processo de secularização.

Vale lembrar que secularização não significa a exclusão da religião, mas sim a independência dela. Significa a possibilidade de desfrutar de novas perspectivas indiferentes à religião. Nesse sentido, Weber (1982) identifica, a partir de suas análises sobre a racionalização da vida moderna e o desencantamento do mundo, a emergência de novas formas de atribuir sentido ao cotidiano, como a ciência, as artes e o erotismo, que passam a exercer um papel simbólico e normativo na organização social, ainda que não desempenhem uma função estrutural como a religião tradicional.

Diante disso a emergência de outros grupos religiosos reforça ainda mais a secularização. Segundo Camurça (2003, p.59), “O aumento do número de novos grupos religiosos resulta no declínio do compromisso religioso do indivíduo para qualquer sorte de definição ou credo”. Essa perspectiva nos faz entender a religião como algo subjetivo do indivíduo moderno, algo que está dimensionado para um campo privado, um item de consumo que não mais exerce tamanhas modificações nas estruturas sociais como antes exercia (Camurça, 2003).

Diante do que foi exposto, trazendo a discussão para o foco deste artigo, o processo de secularização resultou diretamente na emergência dos grupos sem religião. A ascensão da ciência e da tecnologia possibilitou uma facilidade no acesso ao conhecimento que, por sua vez, trouxe como consequência a desmistificação da religião. Esse fenômeno pode ser conectado ao crescimento do número de pessoas sem religião. Segundo Camurça:

A conquista da liberdade religiosa funciona como garantia e alternativa contra o aprisionamento a qualquer megaencantamento, tradicionalismo e fundamentalismo e como conduto para uma condição - no limite - laica, atitude socialmente legitimada (Camurça, 2003, p. 59).

Nesse contexto, a secularização, além de possibilitar a ascensão de outros grupos religiosos não tradicionais, também garantiu a liberdade individual de seguir por um caminho sem ela. Portanto, esse fenômeno pode explicar o aumento do número de pessoas sem religião. Segundo Pierucci, “a liberdade de opção por uma religião em detrimento de outra enseja a liberdade de opção por nenhuma religião” (1997a, 1997b, apud Camurça *et al.*, 2003, p. 59). Além disso, a liberdade de escolha dentro do pluralismo religioso desafia a autenticidade das religiões antes institucionalizadas, aquelas que detinham o poder coesivo na sociedade, como cita Camurça:

Como fruto da liberdade de crítica e de escolha no pluralismo religioso, assiste-se ao fim do reconhecimento amplo de uma autenticidade (sobre)natural que as religiões anteriormente portariam. Com a perda de seu caráter inquestionável, difunde-se uma “suspeita generalizada” em relação à veracidade/santidade de qualquer religião (Camurça, 2003, P. 59-60).

Podemos usar como exemplo o sistema judaico-cristão, que por muito tempo definiu as instâncias reguladoras do nosso cotidiano. Esse sistema, por sua vez, não possui tamanha hegemonia como antes (Portella, 2006). Essa questão pode ser justificada pelos vários fatores da modernidade, que trouxeram consigo novas perspectivas acerca dos debates sobre nossa existência desafiando, mesmo sem intenção, a cosmovisão judaica cristã. Nesse sentido, a modernidade trouxe consigo a valorização da individualidade e a possibilidade de questionar verdades absolutas em um cenário plural, onde várias cosmovisões dividem o mesmo espaço, gerando um sentimento de dúvida sobre a veracidade das religiões antes institucionalizadas. Paralelo a isso, é comum que surjam movimentos revivalistas como uma forma de reação às mudanças e à diversidade de crenças presentes no pluralismo. O caráter institucional das religiões, em conjunto com a flexibilização de práticas antes consideradas essenciais dentro da perspectiva religiosa, leva certos grupos a contestarem tais transformações e a buscar um retorno a uma espiritualidade mais pura e autêntica, como vemos em grupos fundamentalistas.

Diante do que foi exposto até aqui, a secularização se apresenta como um processo bastante complexo que muitas vezes acaba sendo definido de forma errada. A secularização não deve ser entendida como o fim da religião, mas sim a libertação do mundo das amarras do sistema religioso tradicional, especialmente da religião dominante, o cristianismo, antes detentora do poder de legitimar nossas ações em sociedade, que perdeu seu caráter inquestionável. Nessa perspectiva, secularização também significa a capacidade de o indivíduo optar por outras opções religiosas sem compromisso moral. Reafirmando a ideia de Camurça:

O aumento do número e a variedade com que se configuram os novos movimentos religiosos implicam um declínio geral do compromisso religioso dos indivíduos para com qualquer sorte de definição ou credo, o que leva a ligações cada vez mais passageiras... (Camurça, 2003, P. 59).

É importante ressaltar que a ideia de compromisso que está sendo abordada se refere à necessidade do indivíduo se identificar como pertencente a uma religião,

como forma de legitimar seus valores perante a sociedade. Essa necessidade não é mais vista com frequência na sociedade secularizada. O indivíduo moderno é capaz de transitar entre religiões (ou não) sem impactar diretamente na estrutura social, apenas na estrutura individual. Não é diferente quando falamos dos grupos sem religião, o aumento do número de indivíduos sem religião muito se dá pela liberdade conquistada pelo processo de secularização. O indivíduo moderno, além de desfrutar da pluralidade, pode não se ligar a movimentos religiosos. O afastamento gradual das tradições religiosas é algo cada vez mais comum em nossa sociedade moderna, onde o sujeito é cada vez mais autônomo na construção da sua identidade. Todavia, o processo de secularização permite a opção de escolha aos indivíduos, algo que atualmente pode ser praticado de forma consciente.

Como foi visto, a secularização é um fenômeno multifacetado que não se resume em apenas uma teoria. Há vários debates acerca do processo de secularização que é necessário destacar para um melhor entendimento do termo. Iniciaremos essa discussão abordando a “teoria da diferenciação funcional” (Moniz, 2017, p. 77). Esse processo diz respeito ao remanejamento da religião tradicional para um campo bem menos influente de nossa sociedade, causado pelo crescimento da autonomia das esferas sociais e pela complexidade da sociedade moderna. Nesse sentido, à medida que a sociedade se moderniza, as instituições passam a agir de forma independente, reduzindo a necessidade da religião como uma referência universal. Tomando como base as ideias do sociólogo britânico Bryan R Wilson, o autor Jorge Botelho Moniz cita:

Isto é, com o crescimento da autonomia, especialização, competição e tensão entre as diferentes forças sociais, as autoridades religiosas institucionalizadas perdem o controle sobre determinadas funções sociais, tais como: a política, economia, educação, família, saúde ou assistência social (Wilson, 1969, p. xiv apud Moniz, 2017, p.78).

Nesse sentido, percebe-se o desenvolvimento de um indivíduo independente, cada vez menos necessitado da religião, que, por conta de sua relevância reduzida, acaba se encaixando em subsistemas sociais (Moniz, 2017, p. 77-78). Partindo dessa perspectiva, a religião acaba se configurando como algo subjetivo do indivíduo moderno, tornando-se algo privatizado e menos relevante para a estrutura social. Segundo Moniz “a diferenciação funcional deriva de uma ação política deliberada de desenvolvimento de esferas institucionais especializadas” (2017, p. 78), isto é, a

redução dos sistemas religiosos partindo de ações políticas do estado, a partir da criação de esferas especializadas com o objetivo de desenvolver maneiras de reforçar a independência do indivíduo em relação à religião.

Outro ponto bastante discutido dentro dos debates acerca da secularização é a teoria da racionalização. Dentro desta teoria, a racionalidade é vista como principal fator para o afastamento da religião. De maneira geral, a teoria propõe que a modernidade se traduz em um crescente processo de racionalização. Um processo marcado pelo avanço do conhecimento científico. Para complementar, Moniz cita:

Em traços gerais, a tese da racionalização, de inspiração weberiana, diz que a Reforma Protestante, o Iluminismo e a Industrialização desenvolveram uma perspectiva racional do mundo – baseada em padrões empíricos de prova, conhecimento científico dos fenômenos naturais e domínio tecnológico do universo – que fez crescer uma cosmovisão racional que, por sua vez, enfraqueceu as fundações da crença no sobrenatural (Moniz, 2017, p. 78).

Diante disso, a racionalização nos leva a orientações racionais, lógicas, técnicas e empíricas do mundo, se opondo a cosmovisões fundamentadas em um campo metafísico. Nesse sentido, Bryan R Wilson cita:

A racionalização reduz, então, a frequência com que as pessoas e os Estados buscam direção na religião, especialmente em matéria educativa e em questões de família e natalidade, mas, também, na procura de determinados objetivos sociais (Wilson, 1969, p. 63-64).

Nesse sentido, no mundo moderno, as orientações lógicas sobrepõem as orientações religiosas, resultando no crescente número de crenças cada vez mais secularizadas, como os grupos agnósticos e ateístas, por exemplo. Ambos os grupos ganharam força no processo de secularização.

Por fim, a análise dessas discussões nos permite reafirmar que, em ambos os debates supracitados, percebemos que a modernização possui um forte impacto nas esferas sociais, em particular na religiosa (Moniz, 2017). Além disso, a partir dos debates destacados nota-se a religião perdendo seu espaço e hegemonia, tornando-a uma camada social obsoleta em face aos avanços da modernidade, contribuindo para o crescimento de novas cosmovisões independentes de uma religião.

2.2 – O crescimento dos grupos “sem religião” ao longo dos censos.

Antes de tudo é preciso entender como o censo define os grupos sem religião. Para isso, faz-se necessário tratar de algumas características relevantes para esse tema, identificadas nos censos dos anos anteriores.

No censo realizado no ano de 1872 ainda no período imperial, a sociedade brasileira se encontra dividida em dois grupos, os católicos e os acatólicos (Antunes, 2022). Em contraste com o mundo moderno, percebemos uma baixa variedade de cosmovisões. Essa diversificação presente no mundo moderno reflete uma mudança considerável em relação à autoridade do catolicismo, antes detentora de uma forte influência na esfera social, ao ponto de se tornar a religião do império pautada na Constituição de 1824 (Antunes, 2022). Outras religiões da época não tinham direito de realizar cerimônias em templos sagrados, desse modo, suas práticas religiosas eram restritas a ambientes domésticos, o que resultava na dominância da igreja católica no espaço social.

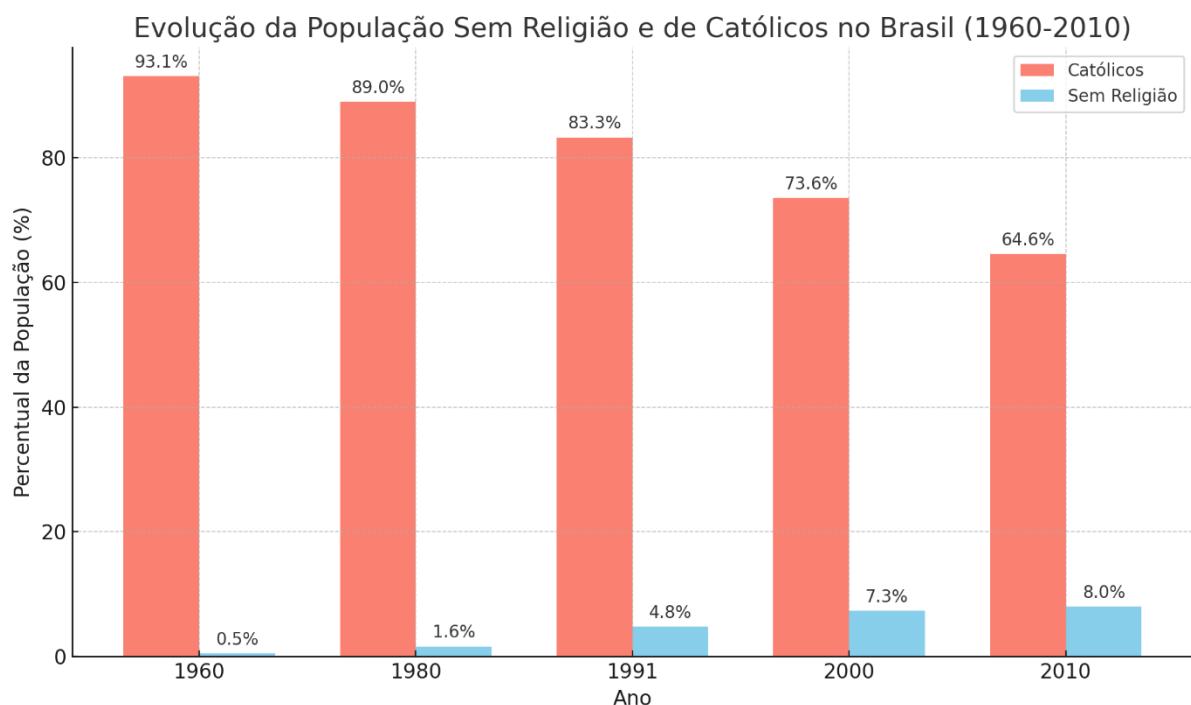
Avançando para o Censo de 1890, já no regime republicano, o Brasil apresenta um cenário mais diversificado em relação ao Censo de 1872. Pela primeira vez, notou-se cultos não cristãos no cenário religioso brasileiro, como os grupos positivistas e islamitas (Antunes, 2022). Dialogando com Camurça, esse período reflete a ideia de liberdade crítica característica de uma sociedade plural, por mais que em 1872 a influência da igreja católica ainda era fortemente inquestionável pela maioria, percebe-se que sua autenticidade já era objetada por alguns indivíduos, dando início ao crescimento de novos grupos, como os “sem culto professado”, antes denominados como “acatólicos”. Esse grupo inclui aqueles que não declararam sua religião ou que não professavam culto algum.

A nomenclatura “sem religião” aparece pela primeira vez apenas no Censo de 1940, o primeiro após a criação do IBGE em 1936. O termo foi incluído no rol de possibilidades de pertencimento religioso, porém, apesar da nomenclatura, seus números finais foram incluídos no grupo “religião não declarada” (Antunes, 2022). Apenas no Censo de 1960 que o termo “sem religião” passa a ser considerado um grupo independente. A partir do Censo de 2000, o grupo “sem religião” é classificado como grupo fechado (Antunes, 2022). No Censo de 2010 foi realizada uma mudança significativa na estrutura do grupo. O grupo sem religião passou a ser fragmentado em três grupos distintos: “sem religião”, “ateu” e “agnóstico”. Em 2010 surge pela primeira vez o termo “múltiplos pertencimentos” que foi associada ao grupo “religião

não determinada". O surgimento desse termo se deu principalmente pela parceria entre o Instituto de Estudos da Religião (ISER) e o IBGE.

Com base nessa breve análise sobre a categoria “sem religião” e suas mudanças ao longo dos censos, percebe-se a ascensão gradativa do grupo em questão através da conquista de espaço e de relevância, algo que foi impulsionado pelo crescimento constante do número de indivíduos pertencentes ao grupo. É importante destacar também a atenção e esforço do instrumento censitário em classificar e lapidar a diversidade religiosa brasileira, uma ação movida de forma indireta pela modernidade e suas mudanças na esfera social.

Veremos a seguir o crescimento dos grupos sem religião no Brasil em relação aos católicos a partir de uma análise estatística dos censos realizados entre os anos de 1960 e 2010.



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Diante do que foi exposto nos dados estatísticos acima, percebe-se que o número de pessoas que não possuíam pertencimento religioso era insignificante na década de 1960. Levando em conta o contexto histórico da época, esse resultado não poderia ser diferente. O Brasil sempre foi fortemente influenciado pela igreja católica desde a colonização portuguesa. Por conta disso, a igreja exercia uma grande influência sobre os valores e comportamentos da sociedade brasileira, contribuindo

para a construção ideológica e cultural do Brasil. Esse fator explica a presença cotidiana da religião católica na vida dos brasileiros, principalmente da classe popular. De acordo com os dados expostos, 93% dos Brasileiros se identificavam como católicos. Esse número bastante expressivo pode ser justificado pelo interesse da igreja católica pelas causas sociais que assombravam uma grande parcela da população brasileira, como a pobreza e a desigualdade social. Por conta disso, o catolicismo ganha força no Brasil por meio do sentimento de conforto que ele transmite, passando a agir diretamente na organização social da época.

Apenas no ano de 1980 que ocorre um crescimento notável de pessoas sem pertencimento religioso no Brasil. Esse crescimento pode ser justificado pelas mudanças nas esferas sociais ocasionadas pelo período Pós-segunda Guerra Mundial que se estendeu de 1945 ao início da década de 1960. Esse intervalo é considerado por muitos autores como o período responsável pelas etapas inaugurais da teoria da secularização no campo da sociologia da religião (Moniz, 2017). Nesse sentido, o processo de secularização passa a caminhar ao lado do processo de modernização. Segundo Jorge Botelho Moniz:

A tensão entre modernização e desenvolvimento religioso tornou-se, de fato, seu ponto central. Em termos muito gerais, as teorias da secularização afirmam que o processo de modernização e seus subprocessos, transformadores da totalidade da estrutura social, não podem decorrer sem consequências para as tradições e instituições religiosas (Moniz, 2017, p. 75).

Conclui-se que os subprocessos oriundos da modernização como: racionalização, a diferenciação funcional e as relações sociais que se tornaram cada vez mais estruturadas, desafiam a influência tradicional religiosa, gerando um declínio no número de indivíduos pertencentes à religião católica e um aumento no número de indivíduos que se identificam como pessoas sem religião.

Nos anos de 1990, percebe-se um aumento significativo no número de indivíduos pertencentes ao grupo sem religião em relação aos anos anteriores. Uma tendência que continuou nos anos 2000 e 2010. Para compreender melhor o notável crescimento do grupo, faz-se necessário dissertar sobre o contexto histórico do período entre os anos de 1990 e 2010. O ano de 1990 foi marcado principalmente pela disseminação da internet pelo mundo. No Brasil, propriamente dito, a internet foi disponibilizada ao público em geral em 1995, a partir de uma iniciativa do governo federal de implantar a infraestrutura necessária para o bom funcionamento do serviço

(Monteiro, 2001). Desde então, o acesso ao conhecimento, a novas informações e novas culturas tornou-se consideravelmente mais acessível, contribuindo para o crescimento de novas perspectivas. Entre 2000 e 2010, essa tendência se intensificou mais ainda. O fortalecimento da Globalização, a ampliação do alcance da internet e a maior facilidade no seu acesso consagraram de vez uma nova era no mundo, a era moderna secular. Nesse sentido, novas cosmovisões são desenvolvidas e o mundo encaminha-se para um contexto cada vez mais plural.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 - Transformações no Campo Religioso Brasileiro: uma análise comparada entre os anos de 2010 e 2022

Como vimos no decorrer do artigo, a paisagem religiosa brasileira tem passado por transformações significativas nos últimos anos. Esse fato revela não só a diversidade crescente das crenças e práticas religiosas, mas também uma tendência de adesão e declínio entre os principais grupos religiosos. Julgo importante trazer à tona a discussão sobre o cenário religioso atual brasileiro para que possamos comparar as mudanças que o contexto religioso sofreu entre 2010 e 2022. Para essa análise, utilizei os dados disponibilizados pelo IBGE no Censo Demográfico de 2022, com base nas informações divulgadas em 6 de junho de 2025. De acordo com os dados censitários do IBGE, entre os anos 2010 e 2022, observa-se um crescimento significativo da população evangélica (de 21,6% para 26,9%), uma redução expressiva do número de católicos (de 65,1% para 56,7%) e um aumento moderado dos que se declararam sem religião (de 7,9% para 9,3%). Essas mudanças refletem a dinâmica do cenário religioso moderno; a pluralidade religiosa e a secularização do mundo proporcionaram uma série de mudanças, adaptações e reconstruções do contexto religioso brasileiro, possibilitando um ambiente religioso plural, dinâmico e de certa forma individualizado, onde o indivíduo passa a manifestar sua religiosidade de maneira individual e desinstitucionalizada, ou seja, sem ligação moral com determinada religião. Nesse sentido, este tópico é dedicado à análise dessas mudanças entre os anos de 2010 e 2022, buscando compreender não apenas o

quanto cada grupo cresceu ou diminuiu, mas o porquê de essas terem se concretizaram no cenário religioso brasileiro.

3.1.1 - O Crescimento dos Evangélicos: Dinamismo e Adaptação

O aumento da população evangélica no Brasil representa uma das mudanças mais expressivas do campo religioso contemporâneo. O crescimento de 5,3 pontos percentuais entre 2010 e 2022 evidencia a contínua expansão desse segmento. O autor Marcelo Ayres de Camurça destaca um novo fenômeno identificado no censo de 2010: um segmento da população que se identifica apenas como “evangélica” (Camurça, 2012), saindo de 1,7 milhões, que representavam 1% dos evangélicos, no Censo de 2000, para 9,2 milhões, correspondendo a 4,8% no Censo de 2010. Este “evangélico geral” está associado a uma “parcela não praticante” no grupo evangélico (Camurça, 2012), ou seja, o crescimento deste grupo indica o desenvolvimento de uma crença evangélica desinstitucionalizada no Brasil, permitindo que os indivíduos usufruam de variadas opções dentro do universo evangélico, ou segundo Camurça (2012) “Mercado de bens simbólicos”. Segundo o autor:

Atualmente (...) se dizer evangélico significa poder circular entre suas igrejas num autêntico trânsito interno: ir ao culto de libertação da IURD, participar dos eventos do “Diante do Trono” na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte, se for jovem, frequentar a igreja “Bola de Neve” dos surfistas ou a “Sara Nossa Terra” dos artistas; no caso de ser um pequeno empreendedor, os cultos da ADHONEP ou as palestras da prosperidade da Igreja “Renascer em Cristo” do bispo Estevam Hernandes e da episcopisa Sônia Hernandes (Camurça, 2012, p. 10).

Nesse contexto, Camurça chama a atenção para a flexibilidade que caracteriza a identidade evangélica no Brasil. O trânsito interno entre igrejas evangélicas facilita e estimula a ampliação do campo evangélico através da construção de um ambiente acolhedor para os diversos perfis de fiéis. A baixa rigidez institucional e o grande leque de possibilidades dentro do cenário evangélico evitam a ruptura drástica, mantendo o campo evangélicoável. O crescimento significativo dos evangélicos se intensifica por conta do “mercado de bens simbólicos”. O campo religioso evangélico, portanto, passa a se caracterizar “por um grande pluralismo de ofertas, como por uma crescente e acirrada competição interna” (Camurça, 2012). Com isso, as igrejas ajustam suas

linguagens e estratégias de acordo com o público-alvo. Esse dinamismo e capacidade de adaptação tornam as igrejas evangélicas bastante atrativas, o que contribui para o crescimento contínuo de seus adeptos, refletido no aumento expressivo de fiéis entre 2010 e 2022.

3.1.2 - O declínio católico e o aumento dos “sem religião”: Rumo à desinstitucionalização religiosa.

Outra transformação significativa observada no panorama religioso brasileiro diz respeito ao crescimento do grupo dos sem religião, acompanhado da redução no número de adeptos do catolicismo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2010 e 2022, a proporção de católicos no país diminuiu de 65,1% para 56,7%, enquanto o percentual de pessoas que se declaram sem religião aumentou de 7,9% para 9,3%. Tal cenário reflete, em grande medida, um conjunto de mudanças que levam à desinstitucionalização das práticas religiosa

O catolicismo sempre se caracterizou por sua estrutura hierarquizada. Mesmo durante o período moderno, a religião católica manteve uma postura tradicional, concedendo pouca margem para adaptações ao contexto contemporâneo, em contraste com o que se observa na religião evangélica. A Igreja Católica, devido à sua rígida organização hierárquica e à condição histórica de religião oficial e majoritária no Brasil ao longo de séculos, tem sido especialmente afetada pelas transformações oriundas da sociedade moderna. O compromisso em preservar a tradição e a hierarquia na organização religiosa tornou o catolicismo menos atrativo para uma sociedade que valoriza, cada vez mais, a liberdade de escolha, a diversidade de experiências e a vivência individualizada da fé. Essa realidade está refletida nos dados do censo demográfico, que evidenciam a redução no número de católicos e o aumento daqueles que se declaram sem religião.

Nesse sentido, traremos à tona a teoria da individualização como pilar fundamental a compreensão das transformações que afetaram os dois grupos em questão. Com o avanço da modernidade, o campo religioso brasileiro foi marcado pelo surgimento de indivíduos seduzidos pela prática individual da religião, cada vez mais

inclinados a construir suas próprias vivências religiosas, fora dos moldes institucionais tradicionais. Em contraste com a tradição católica, que preserva características próprias de uma religião institucionalizada, o grupo “sem religião” surge como uma alternativa para o indivíduo praticar sua religiosidade sem pertencer ativamente a cerimônias ou práticas religiosas organizadas. Como vimos anteriormente — sob a ótica da religião enquanto instituição — o grupo “sem religião” não inclui exclusivamente indivíduos sem qualquer tipo de crença, mas também aqueles que optam por se afastar das estruturas religiosas formais. Diante disso, os dados do IBGE refletem uma mudança significativa no cenário religioso brasileiro. Evidenciando o surgimento de uma nova maneira de viver o religioso, segundo Moniz:

Enquanto nas sociedades pré-modernas a religião se encontrava institucionalizada nas igrejas, atualmente, essas instituições e as suas prescrições normativas e compulsórias não determinam com a mesma força a espiritualidade dos indivíduos (Moniz, p. 19).

Diante do que foi exposto, a passagem de uma religiosidade institucionalizada para uma vivência mais subjetiva e individualizada da fé contribuiu para a construção de um novo cenário religioso brasileiro, onde a individualização ganha força, resultando no rompimento do laço religioso tradicional institucionalizado e na ascensão de indivíduos desinstitucionalizados.

3.2 - Pluralidade, Modernidade e Secularização: Fatores do Crescimento dos Grupos Sem Religião

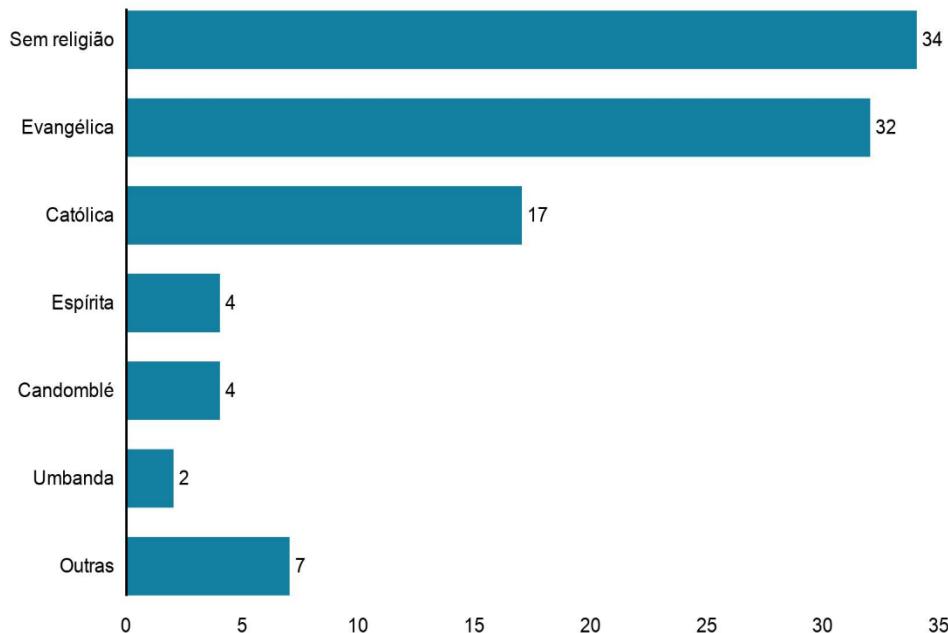
Conclui-se que, entre os anos de 1960 e 2010, a sociedade brasileira trilhou um caminho rumo à pluralidade, que, segundo Peter Berger, permite que os indivíduos façam escolhas entre possibilidades não religiosas e religiosas (Berger, 2017). O mundo global colocou todos em contato, disseminando culturas diferentes e criando um sistema internacional de religiões (Berger, 2017) e junto disso, a possibilidade de o indivíduo se posicionar face a várias possibilidades religiosas. Segundo Berger (2017, p. 52), “o pluralismo enfraquece a certeza religiosa e abre uma plenitude de escolhas cognitivas e normativas. Em grande parte do mundo, contudo, muitas dessas

escolhas são religiosas”. Nesse sentido, no mundo moderno, o indivíduo possui uma gama de possibilidades de escolha entre o religioso e o não religioso, podendo transitar entre esses campos sem a necessidade de um compromisso moral, haja vista que as “verdades absolutas” e os “fatos indiscutíveis”, características das religiões tradicionais passam a perder seu peso e tornam-se relativizados no mundo pluralista. Apesar de vivermos em um contexto plural, ainda há sociedades em que a religião é bastante influente. Esse fato reflete a pluralidade como ela é: um sistema que multiplica as estruturas de plausibilidade (Berger, 2017), ou seja, qualquer definição, seja ela religiosa ou não, é algo plausível.

O mundo moderno plural emprega um discurso de cunho secular que permite os indivíduos desenvolver áreas de sua vida sem uma orientação religiosa (Berger, 2017). A vida pode ser desfrutada e dirigida sem qualquer noção metafísica. Essa pode ser uma das explicações para o crescimento do grupo sem religião, haja vista que a modernidade plural disponibiliza outros alicerces para o indivíduo além da religião. Nesse sentido, a religião deixa de ser a fonte de respostas absolutas e passa a ser uma dentre várias opções. Além disso, a perda da relevância religiosa no contexto moderno, devido à dificuldade de adaptação à contemporaneidade gera um descontentamento por parte da população, contribuindo para o crescimento dos indivíduos sem religião. Esse fator é mais perceptível entre a população jovem no Brasil. De acordo com a pesquisa realizada pelo Datafolha (2022), nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, foi identificado que no Rio de Janeiro 34% dos jovens de 16 a 24 anos se identificam como sem religião, superando os evangélicos (32%), católicos (17%) e demais religiões (19%). Já no estado de São Paulo, os resultados se assemelham, sendo 30% dos jovens de 16 a 24 anos que se identificam como sem religião, superando os evangélicos (27%), católicos (24%) e outras religiões (19%).

Religião dos jovens de 16 a 24 anos no RJ

Em % dos entrevistados pelo Datafolha



Fonte: Datafolha, Eleições 2022 Rio de Janeiro, 11/04/2022.

BBC

De acordo com a pesquisadora do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) Regina Novaes, em sua entrevista para a pesquisa realizada pela BBC News, a fase entre 16 e 24 anos é uma fase de experimentação, segundo Regina: “Há uma trajetória de busca e experimentação que foi colocada para as novas gerações que não era colocada para as antigas” (Novaes, 2022). Essa fase de experimentação nada mais é do que uma possibilidade oriunda da pluralização. O indivíduo que cresce em um ambiente plural tende a desenvolver uma cosmovisão plural, que pode significar uma mistura de religiões (sincretismo religioso) ou também uma cosmovisão sem ligação com a religião. Dialogando com Camurça (2003), a liberdade de escolha do mundo moderno resulta em um declínio do compromisso religioso. Nesse sentido, o crescimento do grupo sem religião pode se justificar pela ausência de necessidade de um compromisso religioso. Na modernidade, o indivíduo pode optar por seguir uma religião ou não, sem consequências morais. A escolha por uma religião no mundo moderno se dá por ocasionalidade, ou seja, o recurso religioso é usado a depender da relevância para o momento dado. Conclui-se que a dinâmica relativizadora do pluralismo implica a possibilidade ao indivíduo de sanar seus questionamentos acerca da realidade de forma individual, não sendo necessário recorrer ao recurso religioso.

4 - CONCLUSÃO

Para concluirmos esta pesquisa, diante do que foi exposto, observamos que o avanço do mundo rumo à modernidade trouxe consigo uma série de mudanças na relação entre indivíduo e religião e na estrutura social como um todo. É fato que a religião perdeu sua posição hegemônica e passou a coexistir com outras formas de conhecimento e interpretações da realidade. Vimos no decorrer do artigo que a modernidade resultou em um declínio considerável do valor religioso, possibilitando ao indivíduo moderno desenvolver uma cosmovisão própria sem laços religiosos, assim como desenvolver uma cosmovisão plural, podendo navegar entre várias religiões. Entende-se que o valor de uma religião no mundo secular acaba se tornando questionável, não só por dividir espaço com várias outras, mas também por atuar em um cenário onde outros tipos de conhecimentos ganham força. A multiplicidade e difusão do conhecimento científico consolidam um cenário onde o racionalismo e o individualismo ganham preferência, resultando no surgimento de cosmovisões que não necessariamente precisam de fundamentação religiosa para se tornarem plausíveis. Essa convivência entre o sagrado e o secular, aliada ao conhecimento empírico, cria um ambiente favorável ao crescimento de identidades sem pertencimento religioso, abrindo espaço para a expressão de espiritualidades mais fluidas. Portanto, concluímos que a modernidade, ao proporcionar espaço para diferentes formas de pensamento e ao valorizar o conhecimento científico, redefine o papel das religiões.

O processo de secularização e o avanço do pluralismo resultaram em um campo religioso mais dinâmico e, ao mesmo tempo, fragmentado. A modernidade proporcionou que o indivíduo se distanciasse das amarras de uma única religião dominante, possibilitando-lhe explorar e adotar de forma seletiva novas crenças. Esse fenômeno promove o deslocamento da religião da esfera pública para o domínio privado e permite o florescimento de identidades não religiosas, refletindo em uma nova configuração no cenário religioso contemporâneo, justificando assim, o crescimento dos indivíduos pertencentes ao grupo sem religião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Henrique Fernandes. Dos Censos à literatura acadêmica: os “sem religião” e o campo religioso brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 110, p. 1-5, 2022.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade, rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. São Paulo: Vozes, 2017. p. 55-112.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Secularização e Reencantamento: A Emergência dos Novos Movimentos Religiosos. **Revista Brasileira de informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 56, p. 55-63. 2003.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do censo 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino.; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2012, p 10-12.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 459-472.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tendências Demográficas**: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000. IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=282733>. Acesso em 25 abr. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em 25 abr. 2025.

MONIZ, Jorge Botelho. As faláciais da secularização: análise das cinco críticas-tipo às teorias da secularização. **Revista Política e Sociedade**. Florianópolis, v. 16, p. 75-91, maio/agosto. 2017.

MONIZ, Jorge Botelho. As teorias da secularização e da individualização em análise comparada. **Revista Estudos de Religião**. v. 31, p. 9-22, maio/agosto. 2017.

MONTEIRO, Luís. A Internet Como Meio de Comunicação: Possibilidades e Limitações. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Campo Grande/MS, p. 28. 2001.

NOVAES, Regina. Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio. BBC News Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acesso em 14 nov. 2024.

PORTELLA, Rodrigo. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade Da ciranda entre religião e secularização. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p 72-85. 2006.

PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcedentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 5, n. 2, p 608-609, julho/dezembro. 2013.

RITZ, Claudia Danielle Andrade.; SENRA, Flávio. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 318-327. 2022

WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982. P. 309-346.

WILSON, B. **Religion and Secular Society**: A sociological comment. Londres: C. A. Watts & Co, 1969.p. 63-64.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. Secularização ou Ressacralização?: O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 73, p.130-135, jun. 2010.